

Porto Covo no século XIX (I)

Porto Covo, hoje um ponto turístico de referência no Alentejo, é uma povoação recente. Na segunda metade do século XVIII, cerca de 1780, não tinha mais que quatro fogos¹, junto ao pequeno porto de pesca. Apesar das tentativas de construção de um porto oceânico na Ilha do Pessegueiro, no século XVII, o território junto ao mar era pouco povoado.

Nas Memórias Paroquiais de 1758² a povoação de Porto Covo não é mencionada, somente o forte do Pessegueiro pela guarnição militar aí residente. Há ainda referência ao porto, caracterizado da seguinte forma:

" Entre esta ilha, e a fortaleza da terra, se forma hum porto em que de verão se recolhem algumas embarçaõins perseguidas dos corsários, porem de Inverno he arriscado o porto pela grande e impetuoza corrente do mar, que ali tem destrocado já varias embarçaõins. Não há mais castello antigo, ou torre, nesta villa e termo.³ "

Da mesma forma fontes mais antigas, como a *Corographia Portugueza*⁴, do início do século XVIII, nem a mencionam sequer. Na cartografia dos séculos XVIII e XIX⁵ são visíveis a Ilha do Pessegueiro e o Forte de São João de Sines, nome do Forte da Ilha, cuja invocação foi feita a S. João.

Apenas na segunda metade do século XVIII o Porto Covo começa a ser habitado sistematicamente, embora com pouco sucesso. De facto, o local tinha algum interesse pela sua localização junto à calheta do Porto Covo, um pequeno ancoradouro que poderia oferecer condições para o comércio e a pesca. Mas este pequeno porto estava muito dependente das condições do mar, como explicitou o padre Alexandre Mimoso, no trecho acima.

De qualquer forma, Jacinto Fernandes Bandeira, membro da alta burguesia comercial, pretende edificar uma povoação em Porto Covo, como descreve António Quaresma. Os planos da futura povoação, realizados entre 1789 e 1794, incluíam duas praças, um hospital, a igreja, blocos habitacionais, um celeiro, armazém de carvão, uma estalagem, instalações para os armadores de pesca, o edifício da Câmara e a cadeia e a casa da fazenda. Este plano urbanístico, com um traçado urbanístico iluminista, não chegou a ser realizado na sua totalidade.

As dificuldades de povoamento, ainda bem visíveis até aos anos 70 do século XX foram uma constante ao longo do século XIX. Na primeira metade do século XIX a povoação era ainda pouco atractiva. Em 1849 Francisco Luiz Lopes descreve o Porto Covo⁶ como um "logarejo", com apenas vinte vizinhos. No entanto, em 1840, com os seus arredores, Porto Covo contabilizava 50 fogos. Servia de "rendez-vous dos banhistas". O padre Macedo e Silva⁷, na

¹ QUARESMA, António - *Porto Covo – um exemplo de urbanismo das Luzes*. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1988. Separata do *Repertorium Fontium Studium Artis Historiae Portugaliae Institurandum*, série B, nº2. ISSN 0870-7766. P.205.

² FALCÃO, José António- *Memória Paroquial do Concelho de Sines em 1758*. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1987. Separata do *Repertorium Fontium Studium Artis Historiae Portugaliae Institurandum*, série B, nº1. ISSN 0870-7774.

³ Idem, p.34.

⁴ COSTA, Padre Carvalho da – *Chorographia Portugueza...*, Lisboa: Oficina Deslandiana, 1706-1712.

⁵ QUARESMA, António Martins – Alexandre Massai: a "escola italiana" de engenharia militar no litoral alentejano (séculos XVI e XVII). 1ª edição. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. ISBN 978-972-99027-4-1. p. 37

⁶ LOPES, Francisco Luís - *Breve Notícia de Sines, pátria de Vasco da Gama*. Com introdução de João Madeira. 2ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1985, p.37.

⁷ SILVA, António de Macedo e Silva – *Annaes do Município de Sant'Iago de Cacem*. 2ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional, 1869.

edição de 1869 dos seus *Annaes do Município*, de 1869, publica os dados relativos ao Porto Covo no recenseamento de 1863. Nesse ano Porto Covo já teria 54 fogos e um total de 192 habitantes. Em 1888 Pinho Leal⁸ apresenta o mesmo número de fogos, mas é possível que não tenha actualizado o número publicado por Francisco Luís Lopes. Pinho Leal já se refere à “capella de Porto-Covo”.

Continua no próximo número

Sandra Patrício

Envie o seu comentário para arquivosines@netvisao.pt



O porto de Porto Covo na primeira metade do século XX. CMSNS/SIDI

⁸ LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno: Diccionario geographico, estatístico, corographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal*. Volume IX. Lisboa: Livraria Mattos Moreira, 1888, p.392.